



MARCOS BONISSON

PULSAR

MARCOS BONISSON
PULSAR

MUSEU DE ARTE MODERNA DO
RIO DE JANEIRO
RIO DE JANEIRO, 2013



BINÓCULO
EDITORA

Pulsações

A fotografia é trama e listra, é recorte e colagem. Matéria e ato.

Rompendo a rígida submissão à realidade que costuma definir a fotografia, as polaroides de Bonisson mixam tempos e espaços distintos e combinam-se em puro swing de ritmo, cor e textura. Em uma “geometria do acaso” (para usar uma expressão do artista), elas ressoam cortes e alternâncias como a linha orgânica de Lygia Clark, os metaesquemas de Hélio Oiticica e o Boogie Woogie de Piet Mondrian. E assumem uma natureza corpórea: a imagem, na polaroide, mostra-se película sensível, epiderme que a delicada manipulação do artista corta ou marca com ponta seca, tinta ou exposição ao calor. Os cortes e as inscrições ecoam então, em palimpsesto, algo que já era a imagem fotográfica: recortes íntimos, escrita externa.

As imagens utilizadas por Bonisson vêm do arquivo ou diário pessoal em polaroide que ele mantém desde a década de 1980. As polaroides são como um fluxo permanente de registro de sua relação com o mundo, em uma acumulação também presente no que o artista chama *Estudos-Listas*, realizados desde 2007 com inscrições e colagens geométricas em papelão. Nelas, o impulso ao arquivamento e à listagem segue a lógica da categorização a partir das semelhanças, juntando elementos de mesma espécie (“onomatopeias”, “ossos humanos” ou “amigos que eu não tenho visto”, por exemplo). Mas a ideia de taxonomia encanta o artista sobretudo por sua potência dispersiva e alegórica, capaz de revirar ironicamente a classificação e abrir a categoria para a vastidão mundo das coisas. Seu ato taxonômico aproxima-se, assim, do que fazia Hélio Oiticica em seu período em Nova York, no que ele designava como “repertório”: fotografias e elementos diversos como trechos de textos e recortes de revista que aparecem nas *Newyorkaises* e no *Conglomerado*. Para Oiticica, trata-se de “imagens abertas meramente apresentadas, não diretamente concebidas como ‘representação’ de algo ‘significante’, mas como imagens de repertório poeticamente-dadas”.

No inventário de vivências poeticamente dadas pelas polaroides de Bonisson, trata-se também de um repertório de diferenças, de uma coleção de vida, de um aglomerado de mundo sempre *in progress*. Infiltrações em paredes de locais diversos, bicicletas, corpos, pátios parisienses ou personagens no arpoador (local caro ao artista), cores e formas. E trata-se, desde 2001, de mixar tais diferenças em colagens — ou melhor, no jogo de palavras de Bonisson: em Polagens — que são “trabalho de pintura” e “combinação de cores”, em pura “swingagem”.

É impossível recuperar do que se trata em algumas imagens, sobretudo aquelas que constituem o fundo de colagens mais antigas. Mas isso não tem a menor importância, justamente porque se trata de mostrar o caráter discordante da fotografia em relação ao mundo — e a si mesma. Há algo intimamente heterogêneo em todo instantâneo fotográfico — toda imagem é híbrida e por isso se recorta e transforma internamente, pulsante e sempre combinando-se com outras imagens.

Essas imagens inventadas pulsam: nelas mesmas e em sequência, uma após a outra. Elas embaralham o tempo (*agora, antes e depois* chegou a ser cogitado como título da exposição) e compõem espaços intersticiais, intervalos de máximo contato. Elas reverberam no corpo (como faz a pulsão, segundo Freud) e disseminam-se em linha infinita.

Como uma navalha, a câmera fotográfica é às vezes capaz de cortar a vida.

Em sua colagem em papelão *Estudo-lista de cut-ups* (sem data), Bonisson celebra sua descoberta dos cut ups de William Burroughs no início dos anos 1980, e afirma “a vida como *cut up* e a linguagem também”. Ele retoma e amplia, assim, a afirmação do próprio Burroughs de que “a vida é um *cut-up*”. A vida não seria mais do que uma sequência mais ou menos ilógica de acontecimentos sem sentido inerente, segundo o escritor americano. Bonisson, por sua vez, reconhece nessa sequência aleatória e independente do sentido a estrutura não só dos acontecimentos da vida como da própria linguagem.

A linguagem (assim como a vida) é uma combinatória de elementos sem significação imanente — o artista nela ressalta, assim, o papel do acaso, do acontecimento transformador. E põe em primeiro plano sua organização rítmica, sua alternância, seu jogo poético. Sua trama corpórea.

A alternância está presente em outros trabalhos de Bonisson sob a forma do revezamento, do ziguezague. Há vários *Estudos Zigzag* traçando caminhos oblíquos entre marcos de localização, sobretudo na areia do Arpoador. Em *Sonho em Ziguezague* (2007), este é feito com pregos e linha sobre duas polaroides que retratam o artista adormecido, como a desenhar nele um trajeto onírico. “Eu caminho em zigzag”, escreve ele no *Estudo-lista de cut-ups* (s./d.), afirmando tal gesto geométrico como uma espécie de condição do sujeito no mundo.

Na polaróide, a imagem assume toda sua sensibilidade de película, como já notamos. Cortá-la é operação corpórea. “Estripo a imagem”, diz Bonisson sobre ela. Como sobre uma mesa de anatomia, o artista diseca a imagem, fazendo nela incisões, em busca talvez de seus órgãos, sua verdade última. Mas a polaróide só pode dar-lhe superfície, matéria de cor, simulacro de textura — revelando, sobretudo, diferenças, intervalos entre um e outro campo de cor. Estripar a imagem corresponde, assim, a revelar sua matéria de linguagem, para em seguida colocá-la em jogo na colagem, fazendo-a participar de nosso ziguezague na vida. Bonisson nota que “em ‘estripo’ há *strip*, faixa, e também há *trip*”. Viagem do sujeito pelo vasto mundo da imagem.

Tania Rivera

PULSAR linha tempo-espaço

A ‘Pola’ é do mundo dos brinquedos. Nada de extraordinário nisso, pois foi criada na noite do Natal de 1942 pelo cientista americano Dr. Edwin Land, quando sua filha de 4 anos lhe perguntou por que não podia ver a fotografia logo depois de tirada. Em verdade, é bem divertido tirar polaroides, pois há algo de fascinante nas fotografias instantâneas que se criam bem debaixo de nossos olhos e aí, fica impossível não olhá-las. Uma criança de hoje, em plena era digital, poderia pensar nesse efeito como um passe de mágica.

Uma das origens da imagem fotográfica foi a vontade do homem de representar o mundo real, aquilo que existe. A polaróide como imagem não se preocupa com a precisão, mas a instantaneidade, ela encanta mais do que descreve. É um trabalho que transcende essa origem histórica, justamente por questionar o mundo inteligível: será sempre uma realidade concreta aquilo que vemos? O trabalho de Marcos Bonisson nos oferece uma oscilação entre dois territórios, o real e o inventado pelo artista. Tudo pode ser transformado, até mesmo a imagem originada pelo inexorável tempo instantâneo da Polaroid.

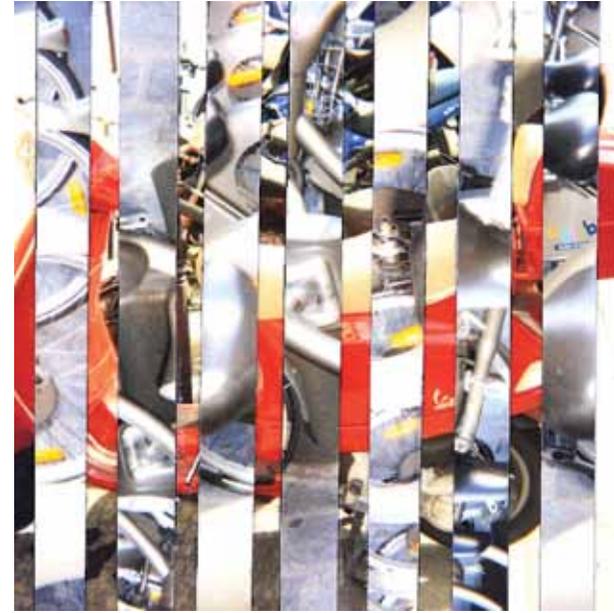
Esta não é uma simples mostra de fotografias, pois, em verdade, não é uma representação de coisas e seres do mundo, mas uma apresentação de outros sentidos, a partir de imagens recriadas. O artista deixa o espectador livre para interpretar o que vê: fragmentos de corpo, de objetos, coisas desarticuladas, formas geométricas ou de paisagens. Transpondo à sua maneira a teoria do acaso para o gesto fotográfico, Marcos Bonisson nos apresenta um vislumbre de seu processo criativo, que se estende por mais de trinta anos com esse suporte específico. É um trabalho lúdico de ressignificação-construção cotidiana e a evidência que o artista inventa imagens com prazer, sentado à sua mesa de trabalho.

Numa lógica de estruturação, na linha tempo-espaço da linguagem imagética, ele produz as intervenções em polaroides (SX70, 600 e Impossible Project): corte, recorte, ponta-seca e colagem. Entretanto, de uma imagem a outra, tomamos consciência de que essa geometria da experiência artística não é aleatória. Assim, nossos campos visuais se vêem rearticulados, renovados, reestruturados. Dessa forma, Bonisson nos propõe em sua *Série Polagens* uma experiência quase cinética. Aquilo que inicialmente é uma simples imagem, ao nos aproximamos se revela uma visagem, uma estrutura muito mais complexa, vibrante, constituída de várias pequenas colagens pulsantes, cada uma tendo suas características próprias.

As polaroides originais não são mais produzidas, tendo sido ultrapassadas pelo que representou o seu próprio sucesso. O crítico de arte francês Hervé Guibert compreendia na década de 1980, que esse processo de revelação instantânea constituía apenas uma das premissas de uma “corrida angustiada para o imediatismo”. Uma lúcida descrição de nossa atual era digital.

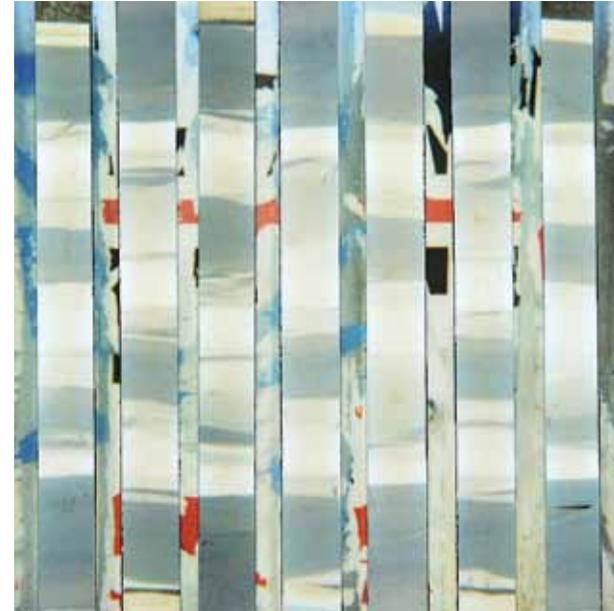
Alban de La Fontaine



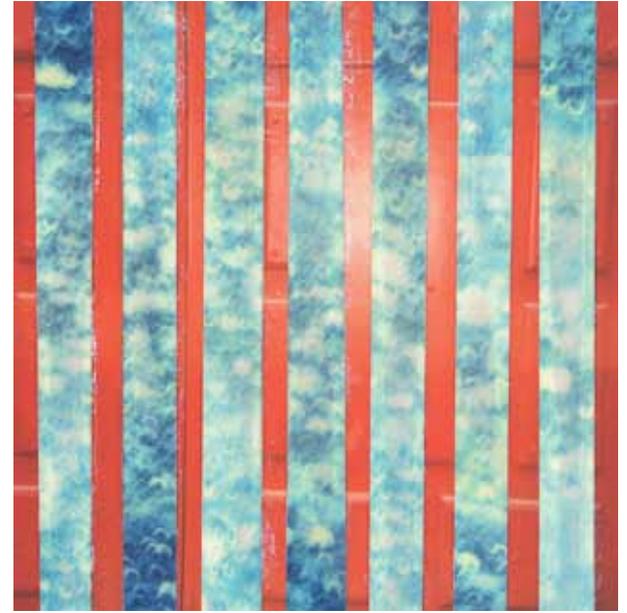
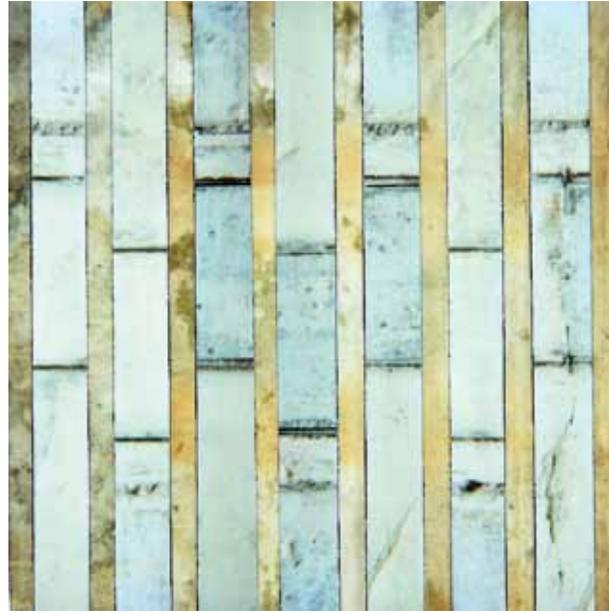


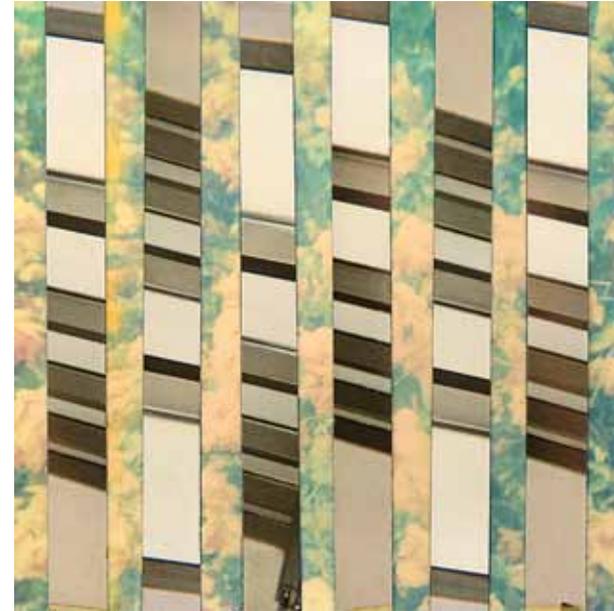


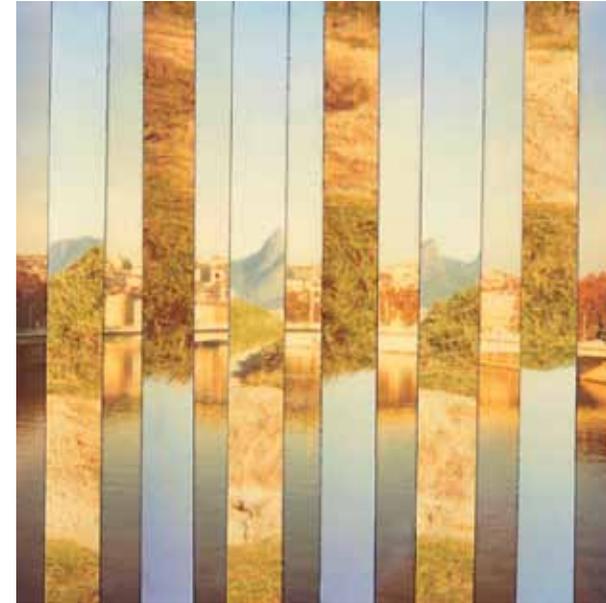






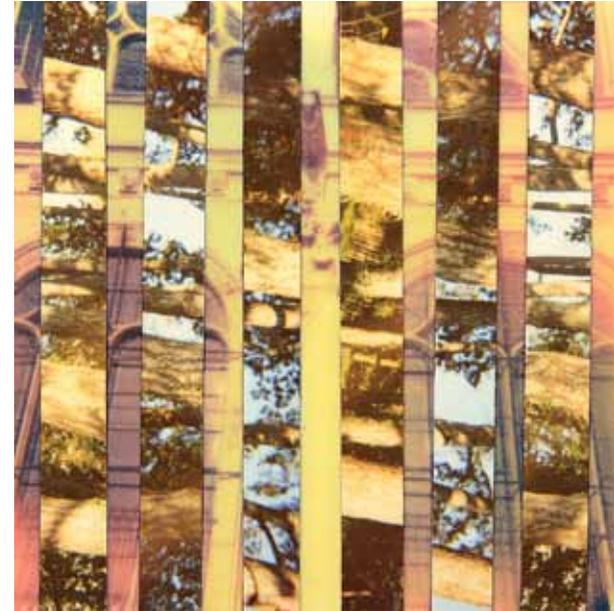






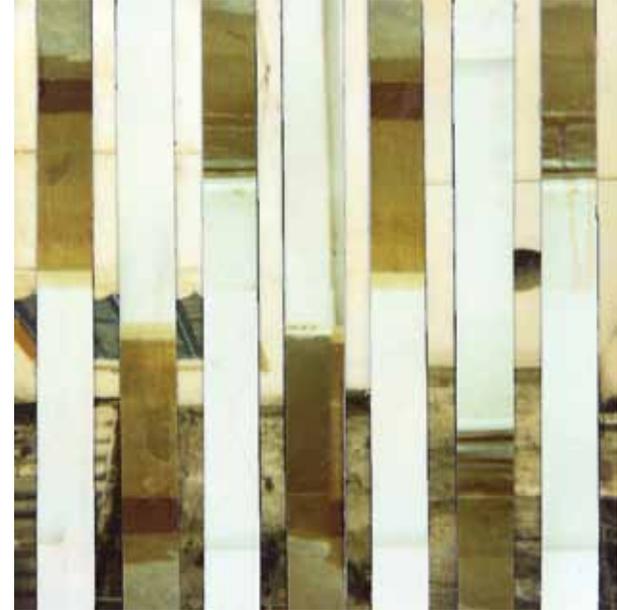
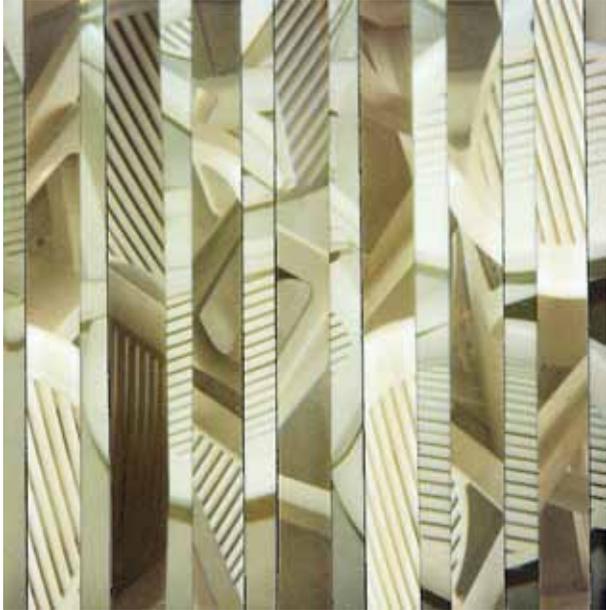


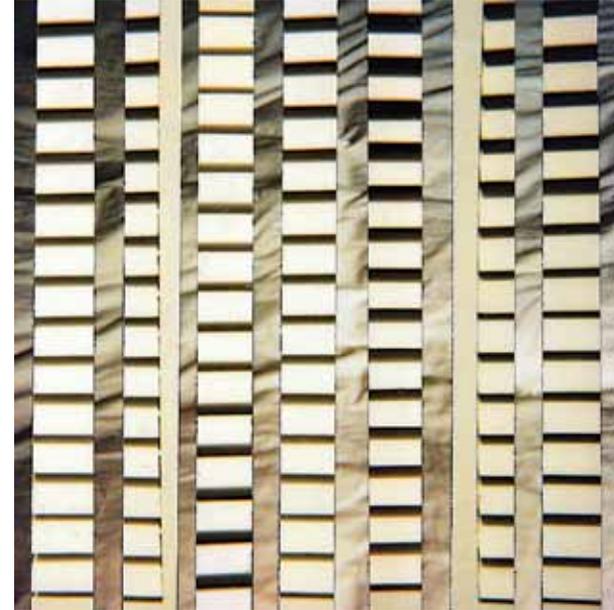


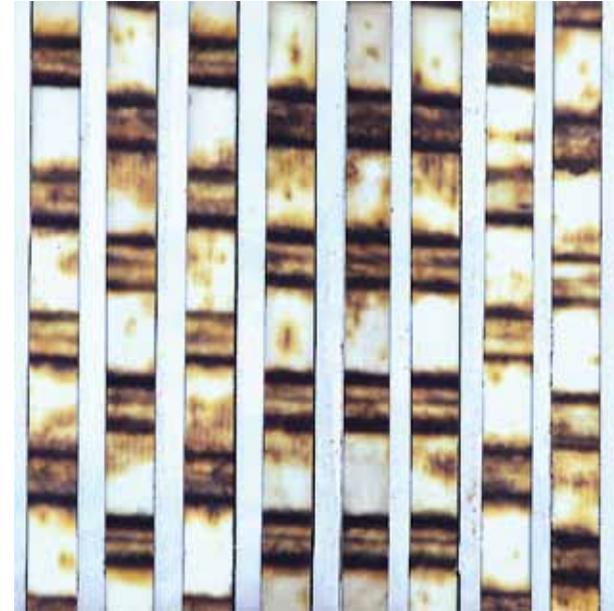


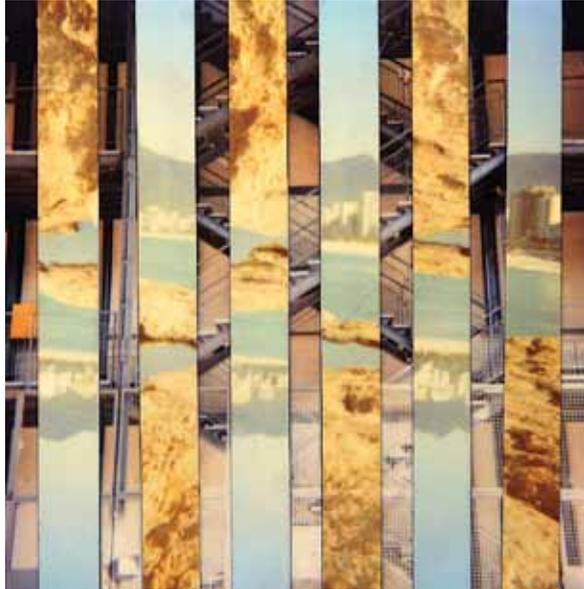




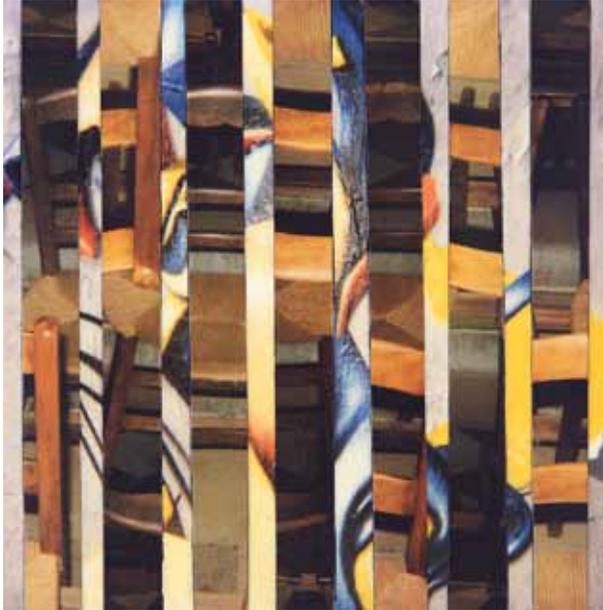


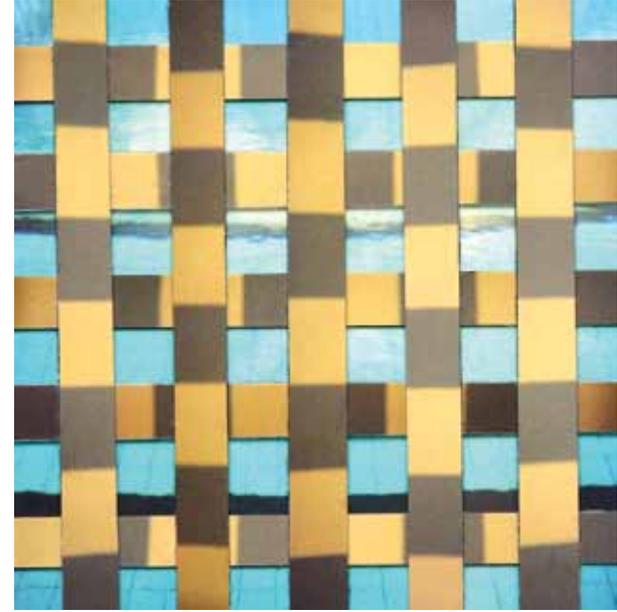


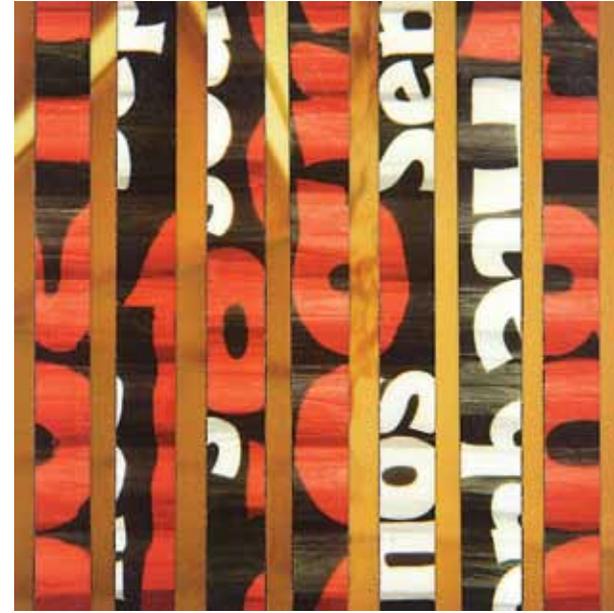


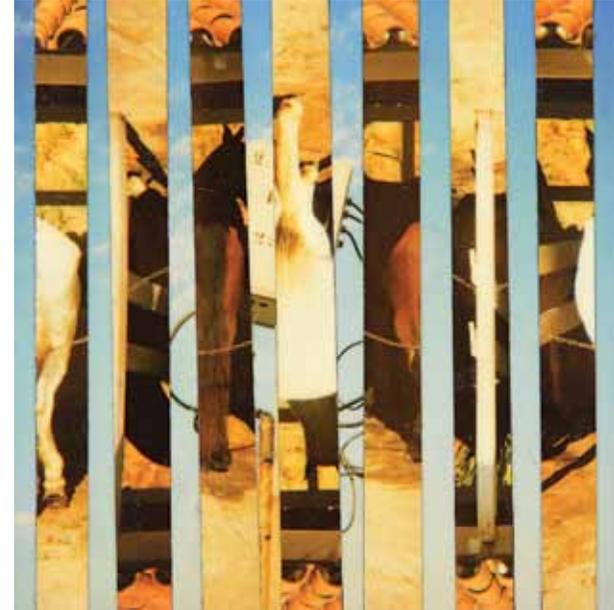
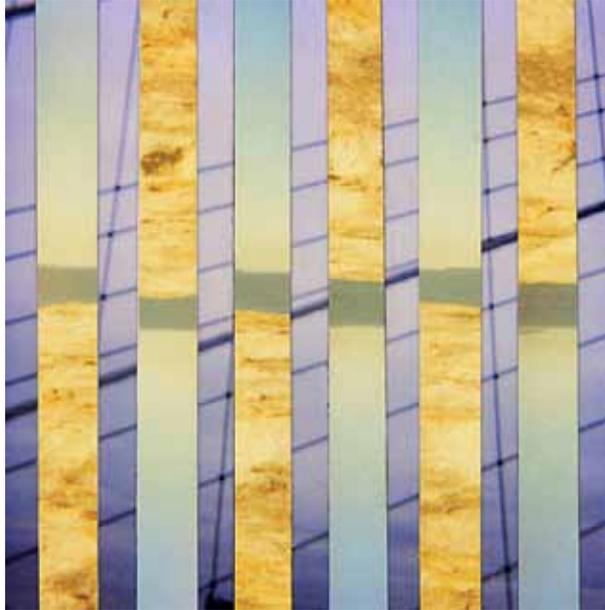


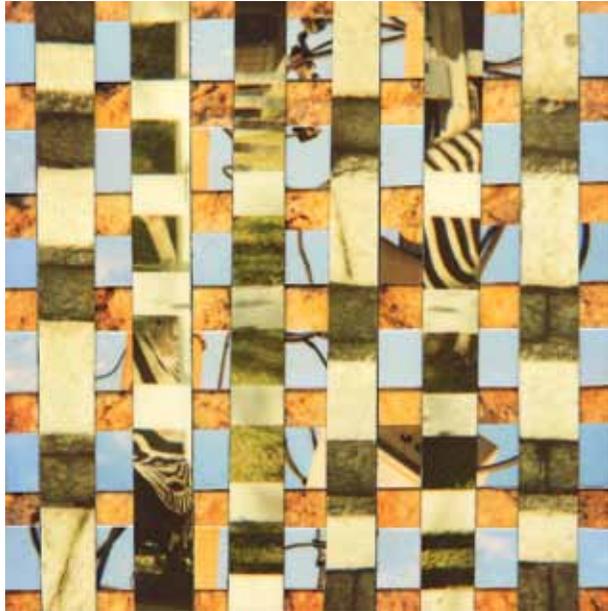


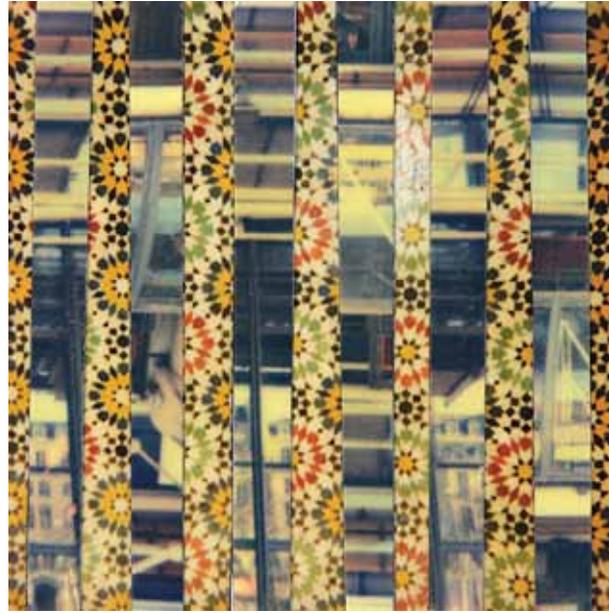






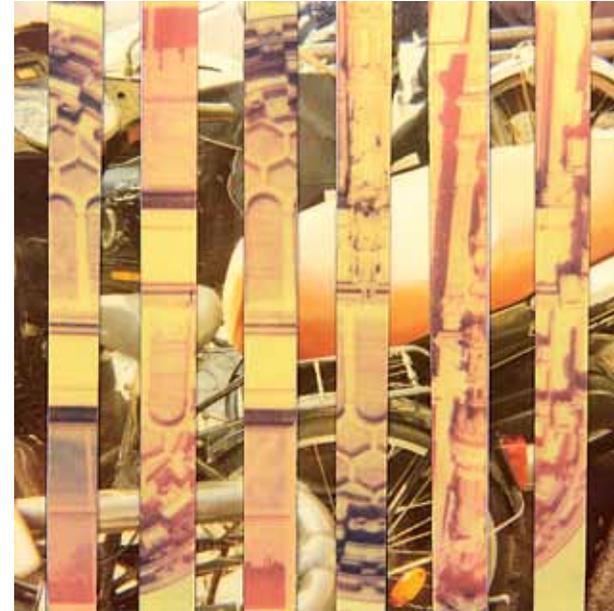
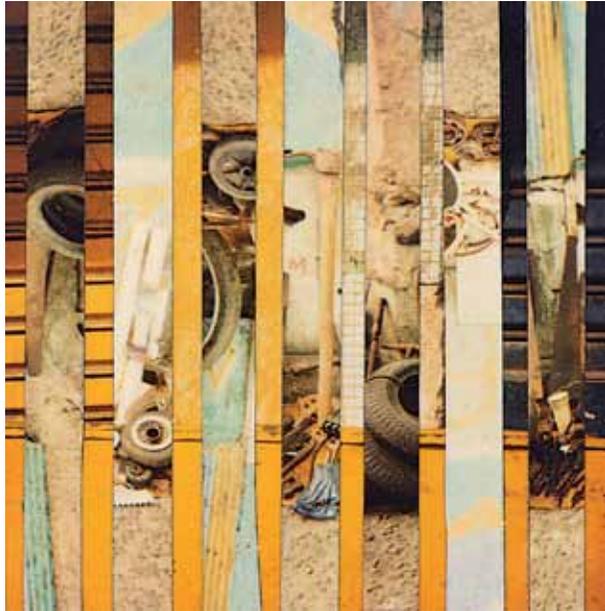


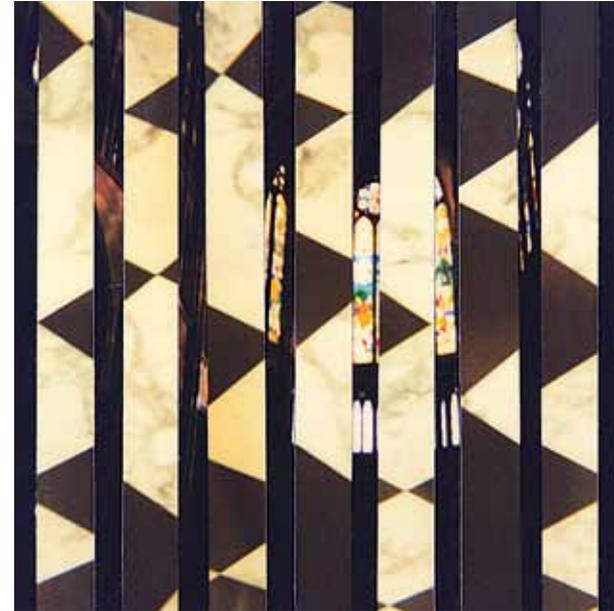














Este catálogo foi possível graças ao apoio de | This catalogue was made possible by support from
Alexandra Mattman Gros Ana Cecilia Carvalho Gros Beatriz Lemos Sá Carlos Randolpho Gros Carol Chediak
Daniela Dondo Francisco Henrique Gros Henrique Luz João Maurício de Araujo Pinho Filho Lucia Almeida
Braga Luiz Mussnich Maria Isabel Mussnich Maria Beatriz Massoca Fontes Monique e Colin Paton
Mussnich Pedroso Regina e Delcir da Costa Thomas Roiz

Agradecimentos | Acknowledgments

Alban De La Fontaine Albin Serviant Adriana Ferretti Alex Botsaris Alexandre Macedo Ana e Rodrigo Fiães Ana
Linnemann Analu Nabuco Andreas Valentin Angai Vellozo Angela Magalhães Artur Barrio Artur Fidalgo Astrid
Hellmuth Chico Fernandes Carlos Otavio Jubé Claire Hory Claudia Hirszman Claudia Tavares Cristina Amiran David
Oliver Debora Fontes Delcir da Costa Elcy Bonisson Machado Fabiana Kherlakian Fernanda Pinto Galerie Celal
Georgia Bonisson Hélio Oiticica Isabelle De La Fontaine Jean Luc Monterosso José Damadeno Liliana Lindenbergh
Laura Bonfá Burnier Lucia Reis Luiz Affonso Chagas Filho Luiz Camillo Osório Luiz Sérgio de Oliveira Marcia Kranz
Marco Andre Favarini Marilia Kranz Margery Segal Monica Mansur Nadja F. Peregrino Nécia Leonzini Oscar Metsavaht
Patricia Gouvêa Pascal Gartner Paulo Herkenhoff Renata Bonisson Renata Richard Roberta Bonisson Rogério
Sganzerla Steve Berg Sonja Baumann Tania Rivera

.....
Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro
Exposição: Pulsar | Exposition: Pulsate
21 de setembro a 24 de novembro 2013

Curadoria | Curator
Tania Rivera

Agradecimentos Especiais | Special Acknowledgments
Carlos Alberto Gouvêa Chateaubriand Gilberto Chateaubriand

Série Polagens | Polagens Series
Colages com Polaroides | Collages with Polaroids (SX 70 – Impossible Project – 600)
Polaroides sobre Polaroides | Polaroids on Polaroids (2001 - 2013)

.....



BINÓCULO
EDITORA

Coordenação Editorial | Editorial Coordination
Claudia Tavares Monica Mansur

Textos | Texts
Tania Rivera Alban De La Fontaine

Projeto Gráfico | Graphic Design
Mary Paz Guillén

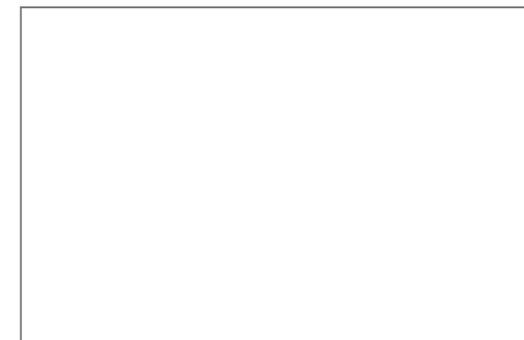
Fotografia Adicional | Additional Photography
Marcia Kranz

Apoio de Produção | Production Support
Adriana Ferretti Claudia Hirszman

Tradução | Translation
Lucia Reis

Apoio Técnico | Technical Support
Estúdio Lupa Galeria Artur Fidalgo Gallery Molduras

Trabalhos na Coleção Gilberto Chateaubriand | Works in the Gilberto Chateaubriand Collection
Páginas 64 e 65



marcosbonisson@gmail.com

Pulsations

Photography is thread and stripe, clipping and collage. Substance and action.

Breaking the rigid subjection to reality, which usually defines photography, Bonisson Polaroids mix together distinct times and spaces that combine in pure swing of rhythm, color and texture. In a “hazard geometry” (using the artist expression), they resonate cuttings and alternations similar to Lygia Clark organic line, Hélio Oiticica “metaesquemas” (metaschemes) and Piet Mondrian Boogie Woogie. And they acquire corporal nature: the picture in Polaroid shows itself as sensitive film, skin that the artist delicately manipulates cutting or marking it with dry point, ink or heat exposure. Cuttings and inscriptions them resonate on palimpsests something that already was a photographic image: intimate clippings, external writing.

Images used by Bonisson come from his files, or from his personal Polaroid diary, kept by him since the 1980 decade. Polaroids are like a permanent flow of registration from his relationship with the world, within a process of accumulation, also present in what the artist calls “Studies and Lists” (Estudos-Listas) created since 2007, with inscriptions and geometric collages in cardboard paper. In them the impulse to file and to list follows a classification logic that starts from similarities, by joining elements of the same species (“onomatopeias”, “human bones”, or “friends I have not seen”, for instances). Yet, the idea of taxonomy enchants the artist, above all due to its dispersive and allegoric potential, capable of ironically turning upside down the classification itself, opening the category to the vast world of things. His taxonomic activity thus comes closer to what Hélio Oiticica made in his New York period, in which he indicated as repertoire photos and diversified elements as magazine extracts from texts and clippings that appear in “*Newyorkaises*” and “*Conglomerado*”.

For Oiticica they are “open images, not directly conceived as ‘re-presentation’ of something significant, but as images of a poetically granted repertoire.”

Life experiences inventory poetically granted by Bonisson Polaroids also involve a repertoire of differences, a collection of a lifetime, an agglomerate world constantly in progress. Wall infiltrations in different locations, bicycles, bodies, Parisian courtyards, or Arpoador characters (a place cherished by the artist), colors and forms. Since 2001, it consists of mixing such different materials in collages - or better - in Polages, according to Bonisson vocabulary, in pure “swingage” of painting work and color combination.

It is impossible to recover the content in some images, particularly those used as background of older collages. It doesn't matter, especially because it reveals photography conflicting character in relation to the world and itself. There is something intimately heterogeneous in any instant photo - every image is hybrid, and for this reason it is trimmed and transformed internally, pulsating and always matching other images.

These invented images pulsate inside themselves and in sequence, one after the other. They disrupt time (now, before and after were considered as title of the exhibition) and compose spaces in between, intervals of maximum contact. They reverberate in the body (as pulsation does, in accordance to Freud) and disseminate in an infinite line.

Like a razor, the photographic camera is sometimes capable to split life.

In his cardboard collage “Study-list of cut-ups” (without date), Bonisson celebrates his discovery of William Burroughs cut ups from the beginning of the 1980 years, and declares “life is a cut up and a language as well”. Thus, he resumes and amplifies Burroughs own statement that “life is a cut up”. Life would be nothing else but a somewhat illogical sequence of events devoid of inbuilt sense, says the American author. Bonisson, in turn, acknowledges in this random and sense independent sequence, a structure not only from life events, but from language itself too.

Language (as life also) is a combined set of elements without immanent signification - the artist thus enhances the role played by chance, by the changing fact. He places on a first level its rhythmic organization, its variation, its poetic game. Its corporeal plot.

Alternation is present in other Bonisson's works, under the form of rotation, of zigzagging. There are various Zigzag Studies tracing down oblique paths between location signals, especially in Arpoador sands. In Zigzag Dream (2007), this is achieved with nails and line on top of two Polaroids that portrait the sleeping artist, as though they were drawing a dreamlike path on him. “I walk in zigzag”, he writes in the Study-list of cut ups (s./d), understanding such geometric gesture as a kind of condition of the subject in the world.

The image acquires its overall sensitivity as film in the Polaroid, as already noticed. To perform cuttings becomes a physical operation. “I strip down the image”, says Bonisson about it. Exactly as it happens on an anatomy board he dissects image, making incisions on it, perhaps as though he were looking for its organs, its ultimate truth.

However, the Polaroid can only give him dimension, color substance, texture make believe - especially disclosing differences, intervals between color fields. In this sense, to strip down the image corresponds to reveal the substance of its language, in order to put it to play right after in the collage, making it participate of our zigzags in life. Bonisson notes that in the expression “to strip down” there is stripe, ribbon and also trip”, the voyage of an individual across the wide world of image.

Tania Rivera

Pulsate Time-Space Line

The ‘Pola’ is from toyland. No wonder, since it was created, on Christmas Eve 1942, by the American scientist Dr. Erwin Land, when his four year old daughter asked him why couldn't she see the photo right after it had been shot. Actually, it is fun to take photos with polaroids, because there is something fascinating in the snapshots created right under our eyes. Then it becomes impossible not to glance at them. A child from today, living in the very realm of digital age, might find such an effect a trick of magic.

One of the origins of photographic picture was man's desire to represent the real world, the one that actually exists. As a picture, polaroid is not concerned with precision, but with immediacy, it enchants more than it tells. It is a work that transcends this historic origin, since it challenges the intelligible world by posing: what we see is a concrete reality always? Marcos Bonisson's work offers us a fluctuation between two grounds: the real one and the one created by the artist. Everything can be transformed, even the image originated by the Polaroid unreleasing immediate time.

This is not a sheer photo exhibition, because actually it is not a representation of things and subjects of the world, but a presentation of other directions, starting from recreated images. The artist leaves the viewer free to interpret what he sees: body and object fragments, dismantled things, geometric forms or landscapes. Transposing in his own fashion the hazard theory to the photographic gesture, Marcos Bonisson presents us with a glimpse at his creative process, over a period of more than thirty years, with this specific media. It is a playful task of daily construction and daily resignification, evidencing the artist derives pleasure from creating images while sitting at his work table.

In a logic organization of pictorial language in space time line, he produces interferences in polaroids: (SX70, 600 and Impossible Project); cut outs, clippings, dry points, collages. However, as we pass from image to image, we become aware that this geometry of artistic experience is not random. Thus, our visual fields are remanted, renewed, restructured. In this manner, Bonisson proposes us in his Polagens Series an almost kinetic experience. What initially is a simple picture, as we get closer, it reveals itself as a vision, a much more complex structure, vibrating, formed by several small pulsating collages, each one with its own features.

Original polaroids are not manufactured anymore, since they were overtaken by the representation of their own success. In the 1980 decade, the French art critic, Hervé Guibert, understood that this process of immediate development was just one of the premisses of “an anguished run towards immediacy.” A lucid description of our present digital era.

Alban de La Fontaine





Museu de Arte Moderna

Rio de Janeiro
Av Infante Dom Henrique 85
Parque do Flamengo
20021-140 Rio de Janeiro RJ
Brasil
www.mamrio.org.br
facebook/museudeartemodernarj
twitter/mam_rio

Mantenedores / Sponsors

Petrobras
Bradesco Seguros
Light
Organização Techint

Parceiros / Partners

Bolsa de Arte do Rio de Janeiro
Credit Suisse Hedging-Griffo
Investidor Profissional
Klabin SA
Mica Mídia Cards
Revista Piauí
Salta Elevadores

Lei de Incentivo à Cultura Ministério da Cultura

Projetos especiais / Special Projects

Arte no Arquivo – CAIXA

Presidente / President

Carlos Alberto Gouvêa Chateaubriand

Vice-presidente / Vice President

João Maurício de Araujo Pinho Filho

Diretor / Director

Luiz Schymura

Conselho deliberativo / Deliberative Council

Armando Strozenberg
Carlos Alberto Gouvêa Chateaubriand
Demóstenes M. de Pinho Filho
Elisabete Carneiro Floris
Gilberto Chateaubriand [Presidente / President]
Gustavo Martins de Almeida
Heitor Reis
Hélio Portocarrero
Henrique Luz
João Maurício de Araujo Pinho [Vice-Presidente / Vice President]
João Maurício de Araujo Pinho Filho
Joaquim Paiva
José Olympio Pereira
Kátia Mindlin Leite Barbosa
Luis Antonio de Almeida Braga
Luiz Carlos Barreto
Luiz Schymura
Nelson Eizirik
Paulo Albert Weyland Vieira
Paulo Roberto Ribeiro Pinto

Artes plásticas / Visual Arts

Luiz Camillo Osorio [Curador / Curator]
Marta Mestre [Assistente / Assistant]

Museologia e montagem / Museology and Setting Up

Claudia Calaça [Coordenadora / Coordinator]
Veronica Cavalcante
Cátia Louredo
Fátima Noronha
Cosme de Souza
Fábio Francisco de Paula
José Marcelo Peçanha

Produção e salão de exposições / Production and Exhibition Hall

Hugo Bianco [Coordenador / Coordinator]
Eduardo Ribeiro
Ana Paula Pinheiro
Patrícia Fernandes

Sócios e parceiros / Associates and Partners

Alessandro Hage

Design

Carla Marins [Coordenadora / Coordinator]
Mariana Boghossian
Rafael Rodrigues
Alice Assaf [Estagiária / Trainee]

Cinemateca / Film Archive

Gilberto Santeiro [Curador / Curator]
Hernani Heffner [Conservador / Head of Preservation]
Carlos Eduardo Pereira
Fabrício Felice
Edson Gomes
João Roberto Costa
Sidney de Mattos
[Estagiário / Trainees]

Clarisse Alves Xavier
Felipe Santos Souza
Gloria Ana Diez
Igor Andrade Pontes
Lana Mayer
Andrade Mártires
Livia de Oliveira Botelho
Mateus Nagime Barros da Silva
Tiago de Castro Machado Gomes

Pesquisa e Documentação / Research and Documentation

Elizabeth Catoia Varela [Curadora / Curator]
Cláudio Barbosa
Maurício Sales
Verônica de Sá Ferreira
Aline Siqueira
Flávio Augusto
[Estagiários / Trainees]
Alessandra de Sant'Anna
Joana Pinho
Maria Fernanda Nogueira
Mariana Carvalho
Natália Domingos
Nicolas Dantas
Priscilla Lazaro
Rafaela Mascarenhas
Roberta Aleixo
Silvio do Nascimento
Verônica dos Santos

Educação e Arte

Luiz Pizarro [Coordenador / Coordinator]
Carolina Ebel
Isabella Navarro

Administração e finanças / Management and Finances

Henrique Andrade Oliveira
Cláudio Pereira
Eduardo Gomes Chaves
Sandra Borges dos Santos
Marcelo Barbara, Marcio Oliveira
Evelin Damascena
Adriana da Silva Pereira
Cristina Vasconcelos
Glayton Lisboa
José Geraldo Avelino
Juarez Lacerda Leal
Luiz Carlos dos Santos
Neuza Pinheiro
Rodrigo Soledade

Operações e Eventos / Operations and Events

Claudio Roberto
João Elias de Almeida
Marcelo Antonio de Almeida
Reginaldo Pessanha dos Santos
Roberto Monteiro Leocádio
Valdeir Adriano de Silis
Behar Engenharia [Consultoria / Consulting]

Recepção / Reception

Tânia Nascimento
Fabiana Lima
Elida Fernandes

Assessoria de imprensa / Press

CW&A Comunicação

Segurança / Security

Transegur Vigilância e Segurança



AAA